

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS  
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
PROJETO  
**LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos**

INES-DESU  
2019

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. O CURSO LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos .....	10
2.1 Objetivos do curso .....	10
2.2 Público-alvo .....	10
2.3 Perfil do egresso .....	10
2.4 Modalidade .....	10
2.5 Duração e distribuição da carga horária .....	11
2.6 Número de vagas .....	11
2.7 Formas de ingresso .....	11
2.8 Critérios de aprovação .....	11
3. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES .....	12
4. DISCIPLINAS .....	13
5. EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA .....	14
5.1 Educação bilíngue para minorias e para surdos .....	14
5.2 Aquisição e desenvolvimento da linguagem .....	18
5.3 Literatura e formação do leitor surdo .....	19
5.4 Gêneros textuais e novas tecnologias .....	26
5.5 Elaboração de material didático de Português como segunda língua para surdos.....	29
5.6 Ensino de leitura e escrita de Língua Portuguesa como L2.....	33
5.7 Seminários didáticos de Língua Portuguesa para surdos .....	35
APÊNDICES .....	36



## 1. INTRODUÇÃO

O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – foi criado oficialmente em 1857, pelo educador surdo francês Ernest Huet, a convite do então imperador Dom Pedro II. Nessa ocasião, recebeu nome de Instituto Imperial para Surdos-Mudos, o qual foi alterado algumas vezes, passando por várias denominações como Instituto para Surdos-Mudos (1858-1874), Instituto dos Surdos-Mudos (1877-1890) e Instituto Nacional de Surdos-Mudos (1890-1957). É reconhecido como centro de referência nacional na área da surdez por exercer “os papéis de subsidiar a formulação de políticas públicas e de apoiar a sua implementação pelas esferas subnacionais de Governo”<sup>1</sup>. As políticas públicas envolvem, entre outras atividades, assistência à pessoa surda e a seus familiares. No âmbito educacional, o Instituto atua em várias esferas, oferecendo escolaridade na Educação Básica através do Departamento de Educação Básica – DEBASI. No Ensino Superior (incluindo a Pós-Graduação), oferece formação através do Departamento de Ensino Superior - DESU. Conta também em seu organograma com o Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico – DDHCT, responsável por promover a realização de estudos e pesquisas, realizados em diferentes áreas, além de ampliar e difundir conhecimentos relativos à educação de surdos, buscando o aprimoramento de instrumentos de capacitação, com vistas à inovação e a elaboração de estratégias de ensino no campo da educação de surdos.

Desde os primórdios da sua história, o INES defende a língua de sinais como meio de acesso dos alunos aos conteúdos curriculares, ao considerar essa língua como ponto de partida para o processo de ensino-aprendizagem. Registros mostram a preocupação do educador surdo francês Ernest Huet em viabilizar o ensino baseado em língua de sinais no INES, em meados do século XIX. No entanto, a educação de surdos no INES passou por vários métodos de ensino.

Nos anos 80 do mesmo século, ganha espaço no cenário educacional a filosofia calcada na educação bilíngue, defendendo que o surdo deve aprender a língua de sinais como língua materna e a língua portuguesa escrita como segunda língua (GOLDFELD, 1997).

Não se pode negar a importância de Ernest Huet como agente frente à educação de surdos no Brasil, ao trazer para o território brasileiro o alfabeto manual francês e a Língua Francesa de Sinais, que deu origem, anos mais tarde, à Língua Brasileira de Sinais - Libras.

No Brasil, no final dos anos 1980, os surdos lideraram o movimento de oficialização dessa língua. Em 1993, um projeto de lei deu início a uma longa batalha de legalização e

---

<sup>1</sup> <http://www.ines.gov.br>

regulamentação em âmbito federal, culminando com a criação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua, e o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que a regulamenta. Sem dúvida, esses documentos legais consistem em avanços importantes e marcos para a comunidade surda.

A lei 10.436/2002 instituiu a Língua Brasileira de Sinais (Libras), definindo-a como o “meio legal de comunicação e expressão” de pessoas surdas do Brasil, sendo de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria. Estabelece, no artigo 4º, a inclusão dessa disciplina nos cursos de formação de “(...) Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior (...) como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs”. (BRASIL, 2002)

Embora muito ainda se tenha a conquistar, essa Lei denota um avanço político-social, pois reconhece a Libras como língua e como meio de comunicação dentro de uma comunidade de sujeitos surdos e seus interlocutores. A importância da Língua Portuguesa, entretanto, não é relegada ao segundo plano, porque, no parágrafo único, a Lei destaca que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

O Decreto 5.626/2005 traz uma série de providências, evidenciando a importância da Libras, do seu uso e da formação de profissionais para atuarem no magistério. Estabelece que disciplina deve ser parte integrante do currículo obrigatório em todos os cursos de licenciatura, no curso normal de nível médio e no curso normal superior, assim como no curso de Pedagogia e de Educação Especial. Vale ressaltar a atenção que o decreto dedica à formação de docentes para o ensino de Libras e da modalidade escrita da Língua Portuguesa.

É possível identificar no decreto uma interpretação importante no que se refere à necessidade de o aluno surdo aprender a Libras e usá-la como o primeiro e principal instrumento para manifestação de seu pensamento e sua cultura, para, posteriormente, proceder a produção escrita em língua portuguesa. Essa ênfase traz à tona a questão da formação do docente em Curso de Pedagogia ou Normal Superior, em que a “Libras e a Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução” (BRASIL, 2005) e a formação de professores surdos e ouvintes para atuarem na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com formação bilíngue – Libras e LP, em cursos de Letras/ Libras ou Letras/Língua Portuguesa. Instituições de ensino superior, preocupadas com essa questão, passaram a oferecer cursos de graduação, no sentido de contemplar essa demanda, como é o caso do curso de Licenciatura em Letras- Libras, oferecido pela UFSC, e o Curso Bilíngue de Pedagogia, oferecido pelo INES.

É importante destacar, ainda, que o uso e a divulgação da Libras no contexto escolar não excluem o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, denotando que o ser surdo é, acima de sua condição auditiva, um cidadão brasileiro, oriundo de um país em que a Língua Portuguesa faz parte do uso linguístico da maioria da população e consiste na língua oficial do país. Sobre esse tema, o decreto, no artigo 13, estabelece que o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.” (BRASIL, 2005)

Como se pode ver, a legalização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Lei 10.426/2002 e de sua regulamentação pelo Decreto 5626/2005 são frutos de debates sobre a questão da inclusão em escolas regulares de alunos com necessidades especiais de aprendizagem (LODI, 2013). A Lei e o Decreto, entre outros encaminhamentos, reconhecem a Libras como a L1 dos sujeitos surdos; o ensino de Língua Portuguesa na modalidade escrita para alunos surdos; a inclusão da disciplina de Libras no currículo de formação de professores e fonoaudiólogos; assim como a formação de profissionais envolvidos no ensino de alunos surdos.

Nos documentos oficiais, é clara a recomendação por parte dos órgãos públicos para que as instituições se empenhem no sentido de ofertar aos aprendizes uma educação ampla, de modo que o aluno surdo possa encontrar condições favoráveis de ensino-aprendizagem da mesma forma como ocorre com os alunos ouvintes. Nesse enfoque, toma grande impacto o ensino de Língua Portuguesa, tendo em consideração que essa língua é considerada a segunda língua desses alunos (L2) e que a Libras é a sua primeira língua (L1). O que se espera ou o que se busca, portanto, é uma proposta de ensino bilíngue, tornando acessível ao aluno surdo as duas modalidades linguísticas: a língua de sinais e a língua portuguesa na modalidade escrita.

Ao abordarem sobre o ensino de LP nas séries iniciais do Ensino Fundamental, Quadros e Schmiedt (2006) destacam a importância da Libras, citando a Lei 10.436/2002 que “reconhece o estatuto linguístico da língua de sinais e, ao mesmo tempo, assinala que esta não pode substituir o português.” Nesse sentido, as autoras mostram a necessidade de se reconhecer que o ensino de língua portuguesa, como segunda língua para surdos, deve-se ao fato de que esses são cidadãos brasileiros e, portanto, têm o direito de utilizar e aprender essa língua oficial, importante também para o exercício de sua cidadania.

Quadros e Schmiedt (2006, p.7) se preocupam com o ensino de português para as séries iniciais do ensino fundamental, destacando que “A aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das formas de garantir a aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa (...)”. Vale destacar também a importância da oferta aos alunos surdos de uma educação adequada, capaz de torná-los agentes sociais críticos e participativos nos eventos sociocomunicativos. Nesse sentido, o uso do conceito de letramento toma uma dimensão relevante para os docentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, a partir do que propõe Soares (1998):

Letramento é o estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas que também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita, e que, ao tornar-se letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura. (SOARES, 1998, p. 36-7)

Diante do que propõem os documentos oficiais sobre o ensino de Libras e de Língua Portuguesa escrita para alunos surdos e sobre a premente formação em curso superior e/ou formação continuada de professores para atuarem de forma consciente e efetiva com esses aprendizes, percebe-se, mesmo após 10 (dez) anos da vigência do decreto 5.626/2005, certa carência de profissionais capacitados para atuarem em escolas inclusivas e/ou especiais. O que se vê, ainda nos dias atuais, são profissionais sem domínio da Libras e de estratégias de ensino-aprendizagem que possibilitem o ensino eficiente de Língua Portuguesa para o aluno surdo. Na maioria das vezes, as salas “ditas” inclusivas são constituídas por uma maioria de alunos ouvintes e uma minoria de alunos surdos, os quais, diante da barreira linguística e do escasso ou inexistente atendimento especializado, sentem-se fracassados e muitas vezes desistem da escola ou continuam sem sucesso escolar. Além disso, professores bem intencionados e dispostos a ensinar, mas totalmente desestimulados e impotentes diante de uma turma inclusiva e sem recursos para atenderem efetiva e adequadamente aos aprendizes que se encontram sob sua responsabilidade.

No contexto educacional do Rio de Janeiro, local em que está situado o INES, são evidentes ações positivas e algumas iniciativas governamentais no sentido de possibilitar a “inclusão”, com a preparação de escolas regulares para receberem e proporcionarem ensino adequado a aprendizes surdos.

De acordo com o decreto 5.626/2005, é necessária a presença de intérpretes em sala de aula para auxiliarem no ensino-aprendizagem dos alunos surdos, garantindo-lhes acesso à informação e ao conteúdo. A rede estadual, diante disso, procedeu, em 2003, o início de contratação de intérpretes de Libras/Língua Portuguesa para atuarem em salas inclusivas de 5<sup>a</sup>

a 8ª série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A rede estadual de ensino possui um total de 117 intérpretes de Libras exercendo suas funções em 40 escolas da rede estadual.

Apesar de essas iniciativas e de políticas socioeducativas de acessibilidade e de inclusão como a do Estado do Rio de Janeiro parecerem eficientes, relatos de intérpretes e de professores da rede municipal que frequentam o curso de Graduação e de Pós-Graduação do INES revelam a angústia de muitos desses profissionais com relação à realidade enfrentada por eles, diante dos alunos surdos dentro de um contexto escolar inclusivo, em que o professor e os gestores das escolas parecem não ter conhecimento adequado sobre como ensinar esses aprendizes, sobre o material didático a ser utilizado com eles ou sobre a melhor forma de transmissão do conteúdo, sobre os métodos de avaliação consistentes e justos, sobre a consciência de que a Libras é a primeira língua de instrução e de expressão do sujeito surdo e a Língua Portuguesa é ensinada a partir da Libras, tendo em consideração a configuração gramatical e de estrutura oracional de cada língua.

Diante do cenário de carência de formação adequada do professor, a educação presencia ou a progressão automática do aluno sem que ele tenha apreendido os conteúdos da série em que estava ou a desistência desse aluno por se sentir incapaz de prosseguir nos seus estudos.

É com base na reflexão apresentada, no compromisso com a educação bilíngue de surdos e, sobretudo, no que está previsto no decreto 5.626/2005 sobre a formação continuada de profissionais para o ensino de Língua Portuguesa, que docentes e pesquisadores da área de Língua Portuguesa e Literatura do Departamento de Ensino Superior - DESU/INES propõem a continuidade do curso de Pós-Graduação Lato Sensu *Língua Portuguesa: leitura e escrita na educação de surdos*, com o objetivo de oferecer subsídios teórico-metodológicos a professores e profissionais que atuam com aprendizes surdos ou que tenham interesse em atuar nessa seara, para oferecer formação continuada de profissionais para trabalharem com alunos surdos. O curso continuará oferecendo disciplinas que abordam a educação bilíngue para surdos, estratégias de leitura e de escrita em língua portuguesa, literatura e formação do leitor, gêneros textuais digitais, elaboração de material didático específico para alunos surdos, entre outras que ofereçam subsídio para a formação desses profissionais.

O curso conta com a participação de professores de Língua Portuguesa do DESU o DEBASI (Departamento de Educação Básica) e contempla três pilares imprescindíveis dentro da perspectiva educacional bilíngue: ensino, pesquisa e extensão. Conta com um corpo docente formado por doutores, um corpo técnico-administrativo formado por pessoal

capacitado para atuar nas atividades administrativas, e por intérpretes, que atuam em salas de aula, em grupos de pesquisa e de extensão.

O DESU oferece também o curso de Licenciatura em Pedagogia, com característica bilíngue, na modalidade presencial, tendo a Libras e a Língua Portuguesa como línguas de instrução e, a partir de 2018, o mesmo curso de Licenciatura é oferecido na modalidade a distância, cumprindo uma das ações do programa *Viver sem Limites*, desenvolvido pelo Governo Federal, por meio do qual o referido curso é oferecido em 13 polos no Brasil, sendo um deles no próprio INES.

Além da graduação, o DESU oferece dois outros cursos de especialização lato sensu: o *Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção*, desde 2012, cujo objetivo principal é capacitar profissionais de educação e de áreas afins para atuarem em funções pedagógicas relacionadas à educação de surdos, em escolas inclusivas ou escolas especiais, e o de *Interculturalidade e Descolonização na Educação de Surdos*, oferecido desde 2019. Além de tais ofertas, em 2020, o DESU oferece o curso de Mestrado Profissional em Educação Bilíngue.

Mais especificamente, o curso foi idealizado para atender as

demandas educacionais com as quais nos deparamos em nossas atividades diárias nos mostram que há uma gama significativa de profissionais de educação, nos mais variados níveis de ensino, surdos e ouvintes, que lidam diretamente com educandos surdos e que não se conformam em ver tais alunos *excluídos* do processo de ensino/aprendizagem...<sup>2</sup>. (DESU, 2012)

O departamento conta atualmente com um corpo docente formado predominantemente por doutores e de um corpo técnico-administrativo formado por pessoal capacitado para atuar nas atividades administrativas e por intérpretes, que atuam em salas de aula, em grupos de pesquisa e de extensão, não somente como intérpretes Português/Libras e vice-versa, mas também como participantes e pesquisadores sobre área da surdez.

A seguir, a equipe proponente apresenta as demais informações relevantes sobre o curso Lato Sensu *Língua Portuguesa: leitura e escrita na educação de surdos*.

---

<sup>2</sup> Extraído do projeto do curso de Especialização Educação de Surdos: uma perspectiva bilíngue em construção (2012)

## 1. O CURSO LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos

### 2.1 Objetivos do curso

- Preparar professores licenciados para diferentes níveis de ensino, para o trabalho em língua portuguesa como segunda língua dos alunos surdos;
- Refletir sobre o papel da língua de sinais no ensino da língua portuguesa para alunos surdos;
- Propiciar condições para o professor licenciado elaborar material didático adequado às especificidades do aluno surdo;
- Descrever e analisar estratégias pedagógicas para o ensino de português escrito como segunda língua;
- Discutir propostas sobre didática do ensino e avaliação da aprendizagem em Língua Portuguesa;
- Oferecer formação complementar e continuada aos egressos do curso de Graduação do INES e aos profissionais de educação da instituição, ampliando seus interesses por investigações relacionadas ao ensino para surdos.

### 2.2 Público-alvo

Graduados em cursos superiores.

### 2.3 Perfil do egresso

O profissional habilitado pelo curso de especialização *LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos* será capacitado para atuar em funções que envolvam a educação de surdos, para criar e implementar práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, considerando-se a Língua Portuguesa como segunda língua dos surdos.

Além disso, o egresso terá condições de refletir sobre políticas públicas na área da surdez, contribuindo para o avanço acadêmico e científico da área, e oportunizar reflexões sobre bilinguismo, letramento e surdez, de modo a prevenir dificuldades e melhorar o desempenho dos aprendizes surdos nas atividades de leitura e produção textual, em espaços formais e não formais, dos mais variados níveis, aumentando suas potencialidades de aprendizagem.

### 2.4 Modalidade

O Curso será oferecido na modalidade presencial e realizado nas dependências físicas do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

### 2.5 Duração e distribuição da carga horária

O Curso terá duração de 360 horas, distribuídas em 18 meses.

## 2.6 Número de vagas

Serão oferecidas 40 vagas, sendo 50% das vagas garantidas para candidatos surdos e outras 50% para candidatos não surdos.

## 2.7 Formas de ingresso

O processo seletivo para ingresso no Curso de Pós-graduação *LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos* será realizado mediante Edital de seleção e composto de duas etapas:

1. Análise dos seguintes documentos: diploma ou certificado de conclusão de curso superior nas áreas definidas no item público-alvo e histórico escolar.
2. Análise de um texto escrito, com, no máximo 2 (duas) laudas, apresentando temas de pesquisa relevantes para o campo de estudos na área de leitura e escrita para surdos e apoiando sua argumentação em referências bibliográficas. Para candidatos surdos, será permitida a entrega, em lugar do texto escrito, de mídia digital (DVD, pendrive), em Libras, com duração entre dez e quinze minutos.
3. Entrevista realizada perante uma banca examinadora para arguição do texto escrito.

## 2.8 Critérios de aprovação

1. **Assiduidade:** o aluno deverá alcançar o mínimo de frequência igual a 75% (setenta e cinco por cento) das aulas previstas
2. **Nota:** o aluno deverá alcançar média igual ou maior que 7,0 (sete) em cada disciplina.
3. **Trabalho de conclusão:** Apresentação de uma Unidade Didática com Plano de Aula que inclua fundamentação teórica ou um Artigo Científico. Esse trabalho de conclusão será avaliado por 2 (dois) pareceristas que atribuirão uma nota, sendo um deles o orientador, e deverá ser entregue até seis meses após o término das aulas. A média final deverá ser igual ou maior que 7,0 (sete) para aprovação.

**2. QUADRO DE DOCENTES E TITULAÇÕES**

<b>Corpo Docente</b>	<b>Titulação</b>
Aline Fernanda Alves Dias	Doutora
Aline Xavier	Doutora
Fernanda Beatriz Caricari de Moraes	Doutora
Luiz Claudio da Costa Carvalho	Doutor
Maria Inês Castro Azevedo	Doutora
Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz	Doutora
Tiago da Silva Ribeiro	Doutor
Valéria Campos Muniz	Doutora
Wilma Favorito	Doutora

### 3 DISCIPLINAS

<b>Disciplina</b>	<b>Docente</b>
Educação bilíngue para minorias e para surdos	Wilma Favorito
Aquisição e desenvolvimento da linguagem	Aline Dias
Literatura e formação do leitor surdo	Aline Xavier
Gêneros textuais e novas tecnologias	Maria Inês Azevedo Tiago da Silva Ribeiro
Elaboração de material didático de língua portuguesa para surdos	Osilene Cruz
Ensino de leitura e escrita de língua portuguesa como L2	Valéria Muniz
Seminários Didáticos de Língua Portuguesa Para Surdos	Organização: Fernanda Caricari e Wilma Favorito
Pesquisa orientada (orientação de trabalho final)	Todos os professores
Participação em eventos acadêmicos	Normas – APÊNDICE A

## 5 EMENTAS E CONTEÚDOS CURRICULARES POR DISCIPLINA

### 5.1 EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA MINORIAS E PARA SURDOS

**Carga Horária:** 40h/a

**Ementa:**

A diversidade linguística no mundo e no Brasil. Mitos e preconceitos no campo da educação bilíngue em contextos de minorias linguísticas. Tipos de bilinguismo. Modelos e programas de educação bilíngue em contextos inter/multiculturais. Os diferentes contextos educacionais com aprendizes surdos: pressupostos filosóficos e implicações linguísticas. Diferenças entre contextos escolares bilíngues e escolas bilíngues. Surdez numa perspectiva sócio-antropológica e como diferença política (*Deaf Studies*). Bilinguismo social e individual. Surdez e Multilinguismo. Políticas e planejamentos linguísticos na educação de surdos. Os surdos e a dimensão visual na construção de conhecimentos.

**Objetivos:**

- refletir sobre a complexidade sociolinguística brasileira (línguas orais e línguas de sinais) e seus impactos sobre a educação;
- conhecer os diferentes tipos de bilinguismo (social e individual) correlacionando-os a programas de educação bilíngue inter/multiculturais;
- analisar os diferentes contextos educacionais existentes para aprendizes surdos;
- discutir sobre as diferenças entre contextos bilíngues e escolas bilíngues (em geral e para surdos);
- refletir sobre as diferentes concepções acerca de surdos e surdez (representações hegemônicas e contra-hegemônicas);
- conhecer e discutir acerca das políticas públicas e linguísticas voltadas para a educação de surdos no Brasil;
- refletir sobre o cenário sociolinguisticamente complexo das comunidades surdas;
- debater sobre a relação surdez e a dimensão visual na construção de conhecimentos;

**Conteúdo:**

A realidade multilíngue no mundo e no Brasil;

Educação bilíngue em contextos de minoria linguística no Brasil;

Tipos de bilinguismo e modelos de educação bilíngue;

Contextos bilíngues e escolas bilíngues;  
 Concepções sobre surdos e surdez;  
 Políticas públicas e linguísticas voltadas para a educação de surdos;  
 Bilinguismo, multilinguismo e surdez;  
 Metodologias de ensino para surdos com base em estratégias visuais.

### **Bibliografia:**

- CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 15, p. 385-418, 1999.
- FERNANDES, Sueli. Letramentos na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica.
- \_\_\_\_\_. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. *Revista "Educação Especial"* v. 22, n. 34, p. 225-236, maio/ago. 2009, Santa Maria. (Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>)
- \_\_\_\_\_. Apresentação. *Educar em Revista*. Curitiba: UFPR, n. 2 (Edição Especial – Educação Bilíngue para Surdos: políticas e praticas), p.11-16, 2014.
- \_\_\_\_\_. Políticas linguísticas e de identidade(s): a língua como fator de in(ex) clusão. *Revista Trama*. Curitiba, v. 7, n. 14, p. 109-123, 2011.
- FREIRE, A. M. F. e FAVORITO, W. Relações de poder e saber na sala de aula: contextos de interação com alunos surdos. In: CAVALCANTI, M. C. & BORTONI-RICARDO, S. M. *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- FREITAS, G. A construção de um projeto de educação bilíngue para surdos no Colégio de Aplicação do INES da década de 1990: o início de uma nova história? Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2012.
- FRANÇOSO, M. de F. de C. Família e surdez. IN: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006 277.
- GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro *ou* para uma reflexão crítica dos paradigmas. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, 47(1): 223-239, Jan./Jun. 2008.
- LAGARES, C. X. Minorias linguísticas, políticas normativas e mercados: uma reflexão a partir do galego. In: LAGARES, C. X. e BAGNO, M. (orgs) *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 169-192, 2001.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar . Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas* [36]: 175 - 195, maio/agosto 2010.

LODI, A. C.; HARRISON, K.; CAMPOS, S. e TESKE, O. (orgs.) *Letramento e minorias*. 6ª edição. Porto Alegre: mediação, 2013.

LOPES, M. C. *Surdez e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAHER, T. M. “O dizer do sujeito bilíngue: aportes da Sociolinguística”. In: *Anais do Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos*, Rio de Janeiro: INES, 1997.

\_\_\_\_\_. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela B. e CAVALCANTI, Marilda C. *Linguística aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas:SP, Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Em busca de conforto linguístico e metodológico no Acre indígena. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, 47(2): 283-462, Jul./Dez. 2008.

\_\_\_\_\_. Políticas linguísticas e políticas de identidade: currículo e representações de professores indígenas na Amazônia ocidental brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010.

\_\_\_\_\_. Ecos da resistência: Políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C.; SILVA, K.; TILIO, R.; ROCHA, C. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. V.1 Campinas Pontes Editora, 2013, p. 117-134.

MAKONI, S. e MEINHOF, U. *Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua*. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MEC/SECADI. Ministério da educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. *Relatório do Grupo de Trabalho designado por Portaria Ministerial para elencar subsídios à Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Brasília, 2014.

PATEL, S. e CAVALCANTI, M. C. O caso do português m Moçambique: unidade nacional com base em educação bilíngue e intercompreensão. IN: MOITA LOPES, L. P. *Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

PRATT, M. Utopias linguísticas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. N. (52.2), p. 437-459, jul./dez. 2013.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.* v.26 n.91, Campinas maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

SILVA, Ivani Rodrigues. *Perspectiva de educação intercultural bilíngue para surdos*. Estudos linguísticos e literários. Nº 50, jul – dez | 2014, Salvador: pp. 120-144.

\_\_\_\_\_. *Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: o contexto multilíngüe da surdez e o (re)conhecimento das línguas no seu entorno.*

Trab.Ling.Aplic., Campinas, 47(2): 393-407, Jul./Dez.2008.

SKLIAR, C. B.. *Atualidade da educação bilíngüe para surdos.* Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 1e v.2.

\_\_\_\_\_. *A surdez: um olhar sobre as diferenças.* Porto Alegre, Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngüe para surdos. In: SILVA S. e Vizim, M. (orgs.) *Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados.* Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SOUZA, R. M. de Situação bilíngüe nacional – os cidadãos surdos. In: INES (org.). *Anais do Seminário Surdez, Cidadania e Educação: refletindo sobre os processos de exclusão e inclusão,* Rio de Janeiro, 1998b

SVARTHOLM, K. Bilinguismo dos surdos. In: SKLIAR, C. (org.) *Atualidade da educação bilíngüe para surdos.* Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 2.

THOMA, A. LOPES, M. (orgs.) *A invenção da surdez: cultura, alteridade e diferença no campo da educação.* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T (org.) *Identidade e diferença – a perspectiva dos Estudos Culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000.

## 5.2 AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

**Carga Horária:** 40h/a

**Ementa:** Conceito de língua e linguagem. Principais teorias da aquisição e desenvolvimento da linguagem (ou Teorias de aquisição e aprendizagem da escrita e leitura). O processo de produção da leitura e da escrita: da intenção/ideia ao enunciado. Aquisição da linguagem e desenvolvimento linguístico. Problemas do desenvolvimento linguístico. A atuação do professor diante de dificuldades de aquisição da linguagem. Desenvolvimento linguístico dos alunos surdos em L2.

**Objetivos:**

- discutir os conceitos de língua e linguagem;
- estudar as principais teorias de aquisição e desenvolvimento da linguagem;
- analisar o desenvolvimento da linguagem em contextos de leitura e escrita;
- identificar os principais problemas de aprendizagem vinculados ao processamento da linguagem;
- refletir sobre a aprendizagem de língua como L2.

**Conteúdo:**

Conceituação linguística de linguagem, língua e texto;

Aquisição e aprendizagem da escrita: teorias behaviorista, inatista, interacionista, sociointeracionista, funcionalista, construtivista, associacionista, conexionista, racionalista;

A escrita e seu sistema;

A leitura e seu processamento;

O professor diante das dificuldades de aprendizagem do aluno surdo.

A língua como L2 para o aluno surdo.

**Bibliografia:**

PEREIRA, M. C. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios. *Educar em Revista*, Editora UFPR, Curitiba, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157.

QUADROS, R. M. de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_. Contexto escolar do aluno surdo e o papel das línguas. *Revista Espaço*, 1998.

\_\_\_\_\_. ; FINGER, I. Teorias da Aquisição da Linguagem. Florianópolis: UFSC, 2008.

### 5.3 LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO

**Carga Horária:** 40h/a

**EMENTA:** Literatura e tradição oral. Gêneros e temas das narrativas infantis e juvenis. A tradição ocidental: fábulas, conto de fadas, poesia e teatro. Possíveis compreensões das funções e objetivos da literatura. Panorama da literatura infantil no mundo e na escola. Estratégias de formação de leitor surdo. Relação entre literatura infantil e outras linguagens. Língua e Literatura: aspectos relevantes sobre políticas linguísticas e formação do leitor. O conceito de “Literatura Surda” e seus usos pedagógicos/identitários. Ludicidade, fruição e o uso pedagógico do literário. A tradição ocidental e suas versões em Libras. Reflexões sobre o conceito “texto” e sobre as possibilidades de “escritas” literárias em Libras com suporte fílmico.

**Objetivos:**

- refletir sobre a literatura e as tradições orais na formação do leitor;
- analisar os diferentes gêneros infantis e juvenis;
- discutir o conceito de literatura surda;
- propor estratégias de formação do leitor;
- refletir sobre o conceito “texto” e sobre as possibilidades de “escritas” literárias em Libras com suporte fílmico;
- desenvolver planos para promover a ludicidade na leitura;
- discutir sobre a literatura infantil e juvenil e suas inserções em espaços institucionais

**Conteúdo:**

Literatura e tradição oral;

Literatura surda e criação literária em Libras;

Gêneros e temas das narrativas infantis e juvenis;

O direito à literatura;

O texto e suas possibilidades de escritas literárias em Libras com suporte fílmico;

A literatura infantil e juvenil e suas inserções em espaços institucionais

**Bibliografia:**

ARIÈS, Phillipe. História social da criança e da família. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ASSIS SILVA, César Augusto de. Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo : Terceiro Nome, 2012.

BAJARD, E. *Ler e Dizer*. São Paulo: Cortez, 2001.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In \_\_\_\_\_. Vários escritos. São Paulo/Rio: Duas cidades; Ouro sobre Azul, 2004, p. 169191.

CARVALHO, Claudio. **Lendas da identidade**: o conceito de Literatura Surda em Perspectiva, Curitiba : Appris, 2019 .

\_\_\_\_\_. Outras palavras: minorias sociais/e narrativas sobre a diferença essencializada/ Claudio Carvalho, Luís Carlos de Moraes Júnior – 1 ed. – Rio de Janeiro : Litteris Ed., 2014.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

FRANTZ, Marie Louise von. A interpretação dos contos de fada. São Paulo: Paulinas, 1990.

HEINZELMANN, Renata Ohlson. Para que serve a Literatura Surda? Cadernos conectaLibras. 1 ed. Rio de Janeiro : Arara Azul, 2015.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

\_\_\_\_\_. e HESSEL. Metodologia da Literatura Surda. Centro de Comunicação e Expressão, 2009 (apostila)

\_\_\_\_\_. Literatura surda. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2008 (apostila)

\_\_\_\_\_. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010.

\_\_\_\_\_. e HESSEL, Carolina. Metodologia da Literatura Surda. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. 2008. Apostila Letras Libras.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

LANE, Harlan. A Máscara da Benevolência. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1995.

- LODE, A. et al. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- \_\_\_\_\_. (Org.). Leitura e escrita: no contexto da diversidade. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- LUZ, Renato Dente. Cenas surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo? São Paulo : Parábola, 2013.
- MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de Sinais. Florianópolis : Anais da IX ANPED SUL, 2012.
- \_\_\_\_\_. Literatura surda: a produção cultural de surdos em língua de Sinais. Porto Alegre : Faculdade \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ Educação/UFRGS, \_\_\_\_\_ 2011.  
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?sequence=1>  
(Acesso em 17/07/2015)
- \_\_\_\_\_. SILVEIRA, Carolina. LITERATURA INFANTIL: música faz parte da cultura surda? Anais do Seminário Nacional: EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E DIVERSIDADE – Taquara/RS: FACCAT - Faculdades Integradas de Taquara, 2009. CD-ROM.
- NUNES, J. H. Formação do Leitor Brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. 168 p.
- PAES, José Paulo. Tradução, a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir. Vol. 22. Editora Ática, 1990.
- PERLIN, Gladis. T. Identidades surdas. In SKLIAR, Carlos (Org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 52-73.
- RAMOS, Clélia Regina. LÍNGUA DE SINAIS E LITERATURA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO DE TRADUÇÃO CULTURAL. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1995. 175 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Semiologia.
- RODRIGUES, Leandro Elis. CONTADOR DE HISTÓRIAS SURDO: dinamizando leituras na Biblioteca Infantil do INES. Rio de Janeiro : Departamento de Ensino Superior/Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2013 (Trabalho de conclusão de curso)
- ROSA, Fabiano Souto. Adão e Eva. /Fabiano Souto Rosa e Lodenir Karnopp/ 2. Ed. Canoas : Ed. ULBRA, 2011.
- \_\_\_\_\_. Cultura, poder e educação de surdos. São Paulo: Paulinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. Patinho Surdo. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.
- SILVEIRA, Carolina Hessel. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, M. (org.). Estudos Culturais em Educação. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller. Poesia em língua de Sinais : traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice Müller (ORG.) Estudos Surdos I. Petrópolis : Arara Azul, 2006.

TAVEIRA, Cristiane et al. NO LIMIAR DA PIADA SURDA. In: Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil. – ano 1, n.0, 1982 -. – Campinas, SP: Global, 2012.

YUNES, Eliana e PONDE, Glória. Leitura e leituras da literatura infantil. Rio de Janeiro: FTD, 1989.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura infantil na escola. São Paulo: Global Editora, 2003.

### **FONTES LITERÁRIAS PRIMÁRIAS EM LIBRAS/PORTUGUÊS:**

6 FÁBULAS DE ESOPHO, V1. Direção de Luiz Carlos Freitas e Criação de Nelson Pimenta e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD.

6 FÁBULAS DE ESOPHO, V2. Direção de Luiz Carlos Freitas e Criação de Nelson Pimenta e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD.

ANDERSEN. H. C. Contos de Andersen. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1997.

ARCA DE NOÉ, direção de Eduardo Rocha e programação de Christophe Scianni. Rio de Janeiro: EXEMPLUS - comunicação e Marketing: 2006. 1 CD-Interativo.

ÁRVORE DE NATAL, produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD.

AS AVENTURAS DE PINÓQUIO (Carlo Collodi). Tradutora para Libras: Anie Pereira Goularte Gomes. Petrópolis : Editora Arara Azul, 2015. CD-ROM

CÁ ENTRE NÓS. Direção de Renato Gomes e Pedro Simão e Produção de Rodrigo Pareto. Rio de Janeiro : SM Produções, 2008.

CANÇÕES EM LIBRAS. <http://www.amazonsurdo.sitepx.com/musicas-em-Libras.html>

CARROL, Lewis (1832-1898). Aventuras de Alice. Trad. e org. Sebastião Uchoa Leite. 3 ed. São Paulo : Summus, 1980.

\_\_\_\_\_. Alice no País das Maravilhas. Tradução de Monteiro Lobato; ilustrações de Darcy Penteado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

\_\_\_\_\_. Alice's adventures in Wonderland. New York : Barnes & Noble, 2010.

\_\_\_\_\_. ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (Lewis Carroll). Tradução do texto Original (Inglês/Português): Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras: Marlene Pereira do Prado, Clélia Regina Ramos, Wanda Quintanilha Lamarão. Petrópolis : Arara Azul/FAPERJ, s/data.

\_\_\_\_\_. ALICE PARA CRIANÇAS (Lewis Carrol). Tradução: Clélia Regina Ramos. Petrópolis : Editora Arara Azul, 2013.

CARVALHO, Ozana Vera Giorgini de. Um Mistério a Resolver: O Mundo das Bocas Mexedeiras. Belo Horizonte, MG : Del Rey, 2008 (Idem, versão digital);

COLEÇÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA em Libras / Português. Volumes 1 (Alice no país das maravilhas); Volume 2 (Iracema); Volume 3 (Pinóquio); Volume 4 (A História de Aladin e a Lâmpada Maravilhosa); Volume 5 (O Velho e a Horta); Volume 6 (O Alienista); Volume 7 (O Caso da Vara); Volume 8 (A Missa do Galo); Volume 9 (A cartomante); Volume 10 (O Relógio de Ouro). Petrópolis : Editora Arara Azul, 2003 (www.editora-arara-azul.com.br / editorararazul@uol.com.br)

COSTA, Brenda. Bela do silêncio. / colaboração de Judith Carraz; tradução Mariana Echelar. São Paulo : Martins, 2008.

DOM QUIXOTE (adaptação da obra de Miguel de Cervantes). RAMOS, Clélia Regina. João e Maria. Tradução cultural para Libras: Flávio Milani; Gildete da Silva Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2009. CD-ROM.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V1 Uma proposta de atendimento ao surdo com outros comprometimentos. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V10 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V3 Hino Nacional em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Conceição Maciel. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V4. Contando Histórias em Libras. Direção de Guilherme Machado e Produção de Eduardo Rocha e Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V7 Contando Histórias em Libras Produção de Cássia Pereira. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, V9 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro: IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD.

EDUCAÇÃO DE SURDOS, Vol. 10 Contando histórias em Libras. Direção de Eduardo Rocha e Produção de Roberta Moura. Rio de Janeiro : IDEIAIMAGEM, 2007. 1 DVD;

ESOPO. Fábulas completas. Trad. Neide Smolka. São Paulo: Moderna, 1994.

\_\_\_\_\_. Fábulas de Esopo, V1. Direção de Luiz Carlos Freitas e Criação de Nelson Pimenta e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD.

FÁBULAS (adaptação da obra de La Fontaine). Adaptação para o Português de Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras Gildete Amorim. Petrópolis: Arara Azul, 2011. CD-ROM.

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. Cinderela surda. Canoas: ULBRA, 2003.

HINO NACIONAL BRASILEIRO, Direção de Luiz Carlos Freitas e Produção de LSB vídeo. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 2002. 1 DVD.

HISTORIETAS CONTADAS em Libras. Adaptação para o Português de Clélia Regina Ramos. Contação em Libras Gildete Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2013. CD-ROM.

JOÃO E MARIA (adaptação da obra dos Irmãos Grimm) RAMOS, Clélia Regina. João e Maria. Tradução cultural para Libras: Clarissa Luna B. F. Guerretta; Gildete da Silva Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2011. CD-ROM.

KARNOPP, L.B.. L. B. Rapunzel surda, Canoas: ULBRA, 2003.

LABORIT, Emmanuelle. O vôo da gaivota. São Paulo : Best Seller/Círculo do Livro, 1994.

LORENZINI, Carlo, 1826-1890. *As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira*; roteiro adaptado por Nelson Pimenta e Luiz Carlos Freitas. São Paulo: Paulinas: Rio de Janeiro, RJ: LSB Vídeo, 2006. (idem, versão digital).

LITERATURA EM LSB: Poesia Fábulas Histórias Infantis. Direção de Yoon Lee e Produção de Joe Dannis. Rio de Janeiro: LSB vídeo, 1999. 1 DVD;

MÚSICA BRASILEIRA EM LÍNGUA DE SINAIS: História, política, cultura. Autoria, roteiro e direção: Solange Maria da Rocha. Direção Geral: Ricardo Lopes. Rio de Janeiro : SM Produções, 2011. 2 DVDs.

O GATO DE BOTAS (adaptação da obra de Charles Perrault). Adaptação para o Português de Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras Gildete Amorim, Rodrigo Geraldo Mendes. Petrópolis : Arara Azul, 2011. CD-ROM

O SOLDADINHO DE CHUMBO (adaptação da obra de Hans Christian Andersen) RAMOS, Clélia Regina. Tradução cultural para Libras: Clarissa Luna B. F. Guerretta; Gildete da Silva Amorim. Petrópolis : Arara Azul, 2011. CD-ROM.

OLIVEIRA, Ronise. *Meu sentimentos em folhas*. Rio de Janeiro: Litteris Ed.: KROART, 2005.

PETER PAN (adaptação da obra de J.M. Barrie). RAMOS, Clélia Regina (Tradução e adaptação). Petrópolis : Arara Azul, 2009. CD-ROM e DVD

PFEIFER, Paula. Crônicas da Surdez. São Paulo : Plexus Editora, 2013.

RAMOS, Clélia Regina. *Alice para crianças*. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. *Cinderela Surda*. Canoas : Editora ULBRA, 2003.

TV-INES (<http://tvines.com.br>): Piadas em Libras (Último acesso em 14/09/2015)

UMA AVENTURA DO SACI-PERERÊ. Texto original de Clélia Regina Ramos. Tradução Cultural para Libras Gildete Amorim, Rodrigo Geraldo Mendes. Petrópolis : Arara Azul, 2011. CD-ROM

## 5.4 GÊNEROS TEXTUAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

**Carga horária:** 40h/a

**Ementa:** Conhecimento e tecnologia no mundo contemporâneo. Sujeitos e consumidores de informação. Impacto das novas tecnologias nas interações sociais. Gêneros textuais nas redes sociais. A escola e os gêneros textuais conectados em rede. A língua portuguesa na internet.

### **Objetivos:**

- perceber a influência das novas tecnologias na composição da língua portuguesa e na comunicação;
- lidar com a grande quantidade de informações decorrentes do uso das novas tecnologias e da internet;
- conhecer os novos gêneros textuais criados a partir do uso das redes sociais;
- compreender a importância do trabalho com o texto da internet nas escolas.

### **Conteúdo:**

Conceito de conhecimento no mundo contemporâneo;

O uso pedagógico das novas tecnologias;

Os gêneros textuais nas redes sociais;

Práticas escolares e uso da Internet e dos meios virtuais;

Estratégias para o uso dos gêneros textuais da rede no cotidiano escolar;

### **Bibliografia:**

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido*. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

Crystal, David. *A revolução da linguagem*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2005.

Tradução de: Ricardo Quintana. Consultoria: Yonne Leite.

EISENKRAEMER, Raquel Eloísa. Leitura digital e linguagem cifrada dos Internautas, *Revista Texto Digital*, ano 2, n. 2, 2006.

JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Org. e Trad. Ana Lucia Almeida Gazzola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

GOMES, Ana Lucia; CORREA, Jane. Escrita teclada x escrita padrão na produção textual: a experiência de adolescentes brasileiros. *Revista Portuguesa de Educação*, CIED – Universidade do Minho, 2009, n. 22, p. 71-88.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996. Tradução de: Paulo Neves.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 1999. Tradução de: Carlos Irineu da Costa.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111).

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: \_\_\_\_\_. XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_. XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papyrus, 1998. [original inglês: 1982]

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e gêneros textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAMAL, A.C. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO, Tiago da Silva; Quental, Violeta de San Tiago Dantas Barbosa. *O Internetês: descrição e usos*. Rio de Janeiro, 2011. 136 p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? *Revista de Computação e Tecnologia*, n. 1, v. 2, p. 1-6, out. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852/2515>>.

\_\_\_\_\_. Desafios da ubiquidade para a educação. *Revista Ensino Superior*, Unicamp, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: <

<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>.

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós-moderna, intelectuais, arte videocultura na Argentina. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina. São Paulo: Editora da USP, 2005.

SILVA, Suelen Érica Costa da. A influência dos hipertextos digitais para o ensino e aprendizagem de ortografia: inov@ç@o ou "erro"? III Encontro Nacional sobre Hipertexto, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

TODOROV, T. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

## 5.5 ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

**Carga Horária:** 40h/a

**Ementa:** Bases teóricas e metodológicas sobre produção de materiais impressos e digitais voltados para o ensino de segunda língua, em geral, de português como segunda língua para surdos. O lugar da L1 e da L2 na produção de material didático. Material didático sobre português como segunda língua para surdos: avaliação e produção. Planejamento de Atividades e Unidade Didática. Avaliação de materiais didáticos.

### **Objetivos:**

- proporcionar melhor compreensão sobre as especificidades na produção de material didático em segunda língua para surdos, fornecendo embasamento teórico e metodológico;
- sensibilizar para aspectos metodológicos no ensino de L2, refletindo sobre princípios básicos nas abordagens de ensino utilizadas na elaboração de material didático;
- discutir critérios para a elaboração de material didático para surdos;
- desenvolver o entendimento da relação teoria-prática através das diferentes concepções de língua e ensino subjacentes aos materiais didáticos de português como L2;
- analisar materiais didáticos de português como L2 para surdos e como LE para ouvintes;
- promover a elaboração de materiais didáticos voltados para o ensino de português como L2 para surdos.

### **Conteúdo:**

Concepções de língua(gem), língua materna, primeira língua e segunda língua;

Diferentes abordagens teórico-metodológicas no ensino de segunda língua: audiolinguismo, abordagem comunicativa, abordagem por gêneros, pós-método.

Princípios teóricos da abordagem sociointeracional no ensino de línguas;

Ensino por intermédio do uso de materiais autênticos;

Análise de materiais didáticos de português como L2 voltados surdos e como LE voltados para estrangeiros;

Elaboração de planejamento de atividades e de unidades didáticas;

Produção de materiais didáticos de português como segunda língua para surdos.

**Bibliografia:**

ALMEIDA, Djair Lázaro de; SANTOS, Gláucia Ferreira Dias dos; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30-57, Set./Dez. 2015. <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>.

CRUZ, O. M. S. S. Estratégias didáticas para o ensino de resenha acadêmica a graduandos surdos em uma perspectiva bilíngue: Libras e Língua Portuguesa escrita. In: MORAES, M. (org.). Questões da Educação. Rio de Janeiro: iVentura. 2016.

MORAIS, F. B. C; CRUZ, O. M. S. S. A história em quadrinhos na aula de Língua Portuguesa como Segunda Língua: relato de uma experiência com alunos surdos. Domínios de Lingu@Gem, v. 11, p. 233-250, 2017.

CRUZ, O. M. S. S; MACHADO, A. Em questão: o protagonismo do professor surdo e o processo bilíngue de ensino-aprendizagem de alunos surdos. In: LIMA, N. R. W.; PERDIGÃO, L. T.; DELOU, C. M. C. (Org). Pontos de Vista em Diversidade e Inclusão. Niterói, Rio de Janeiro: ABDIN, 2018.

DILLI, C.; SCHOFFEN, J.R.; SCHLATTER, M. **Parâmetros para avaliação de produção escrita orientados pela noção de gênero do discurso.** In: SCHOFFEN, J.R. ET AL. **Português como língua adicional: reflexões para a prática docente.** Porto Alegre: Bem Brasil, 2012, p. 171 – 199.

DOUGHTY, C.; WILLIAMS, J. **Focus on form in classroom: second language acquisition.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FERNANDES, S. **É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação.** In: SKLIAR, C. **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre, Mediação, 1999. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Letramentos na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp27/06.pdf>. Acesso em: junho/2013.

FREIRE, A.M.da F. **Aquisição de português como segunda língua: uma proposta de currículo.** In: Revista Espaço, n° 9, p. 46-52, 1998.

LANTOLF, J. P. **Second culture acquisition: cognitive considerations.** In: HINKLE, E. (ed.) **Culture in second language teaching and learning.** 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching.** Second edition. Oxford: Oxford University Press, 2000.

LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PEREIRA, M. C. C (org.). **Leitura, escrita e surdez**. São Paulo: FDE, 2009.

\_\_\_\_\_. **Aquisição da língua portuguesa escrita por crianças surdas**. In: Anais do Sielp. 1 v. , nº 1, Uberlândia: EDUFU, 2011.

\_\_\_\_\_. **O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157. Editora UFPR. 28

## 5.6 ENSINO DE LEITURA E ESCRITA DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO L2

**Carga Horária:** 40h/a

**Ementa:** Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005 - aspectos relativos ao ensino de língua portuguesa na modalidade escrita. Documento sobre Políticas Linguísticas. Letramento - usos e funções sociais da leitura e da escrita por/com alunos surdos. Desenvolvimento e prática de estratégias de leitura em L2. Escrita em L2 sob a perspectiva dos multiletramentos. Estruturas do sistema linguístico da língua portuguesa e da língua de sinais - funcionamento e variações. Características da interlíngua: análise contrastiva entre L1 e L2. Processos e métodos avaliativos no ensino de língua portuguesa para surdos. Intertextualidade, formatação textual. Ensino de língua portuguesa baseado em gêneros textuais.

### **Objetivos:**

- refletir sobre o ensino da língua portuguesa para aprendizes surdos;
- explorar a formação de palavras em LP e a organização sintática básica (língua em uso);
- discutir conceitos sobre letramento e multiletramentos;
- propor metodologia e estratégias de ensino da língua portuguesa na modalidade escrita;
- apresentar princípios e critérios para a compreensão e produção textual em LP;
- desenvolver métodos avaliativos de textos de aprendizes surdos;
  - Desenvolver práticas de ensino baseadas em gêneros textuais;
- problematizar as diferentes escolhas linguísticas da LP e seus efeitos de sentido no texto (sempre aplicado aos gêneros textuais);
- analisar textos escolares para desenhar unidades didáticas com foco na compreensão escrita da LP como L2.
- refletir sobre a importância da língua de sinais no ensino de LP.

### **Conteúdo:**

Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005;

Letramento – conceito e discussão sobre o ensino de LP;

(Re)significando as práticas de escrita por meio dos multiletramentos;  
Critérios e subsídios para a avaliação da produção textual escrita;  
Língua de sinais como parte do processo de letramento em língua portuguesa;  
Análise contrastiva entre produção textual em segunda língua e interlíngua;  
Uso de gêneros textuais no ensino de língua portuguesa para surdos;  
Metodologia de ensino e sugestões de atividades no ensino de L2.

### **Bibliografia:**

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 07.01.2015.

BRASIL. Decreto Nº 5.626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

Dias, M. S.; Peixoto, W. R. S. O uso de imagens como prática de letramento de alunos surdos. Anais do Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional. Capa > v. 9, n. 1 (2016).

FERNANDES, E. Surdez e bilinguismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

\_\_\_\_\_. Letramentos na educação bilíngue para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp27/06.pdf>. Acesso em: junho/2013.

Lacerda, Cristina B. F. de; Santos, Lara Ferreira dos. (Org.). Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. 1a.ed. São Carlos: EduFSCar, 2013.

LODI, Ana Claudia Balieiro (Org.) ; MELO, Ana Dorziat B. (Org.) ; FERNANDES, Eulália (Org.) . Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos. 1a. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Ensino da língua portuguesa como segunda língua no AEE. In: Lázara Cristina da Silva; Marisa Pinheiro Mourão. (Org.). Atendimento Educacional Especializado para Alunos Surdos. 1a.ed. Uberlândia: EDUFU, 2012, v. 2, p. 161-176.

PEREIRA, M. C. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_ (Org.). Protótipos didáticos para os multiletramentos. In: ROJO, Roxane, MOURA, Eduardo (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo:Parábola Editorial, 2012.

STREET, Brian. Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERNANDES, S. Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 2006.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2005.

ZENI, J.M. **A análise do erro na produção escrita do português como segunda língua por alunos surdos.** Disponível em <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/131.htm>. Acesso em 18/06/2013.

## 5.7 SEMINÁRIOS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

### **CARGA HORÁRIA: 60h**

Ementa: Fomento de debates e reflexões de aspectos relativos a diferentes práticas pedagógicas com alunos surdos. Práticas de sala de aula, metodologias e dinâmicas linguísticas entre professores ouvintes e alunos surdos em atuação na sala de aula. Recursos didáticos bilíngues nas áreas de Leitura e Escrita em L2 em diferentes segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

### **Objetivos:**

- Apresentar experiências de professores que atuam na educação de surdos, especialmente no ensino-aprendizagem de leitura e escrita;
- Promover a reflexão crítica sobre as diversas práticas pedagógicas com alunos surdos;
- Debater metodologias e dinâmicas linguísticas em diferentes seguimentos de ensino;
- Conscientizar sobre as diferentes possibilidades de recursos didáticos para o ensino de leitura e escrita.

### Avaliação

Ao final dos Seminários, será solicitado ao aluno, com base em roteiro dado, um relatório sobre as apresentações e/ou atividades realizadas nos Seminários.

### Bibliografia

Por se tratar de uma disciplina que conta com professores convidados que socializarão suas práticas, não há uma bibliografia básica que será seguida no curso. Sugestões de leituras teóricas serão indicadas por cada professor(a) convidado(a) de acordo com o tema tratado em suas exposições.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

#### REGULAMENTO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS COMPLEMENTARES

Visando estabelecer os critérios para a validação das atividades acadêmicas complementares que integralizarão a carga horária do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos, segue-se esta instrução normativa.

- As Atividades Complementares compreenderão 20 horas (vinte horas) computadas na carga horária total do curso e serão descritas no **Quadro 1**. Poderão ser desenvolvidas ao longo do curso, mas devem **ser concluídas** antes do encerramento da última disciplina do curso de Pós-Graduação Lato Sensu LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos.

- A contagem de horas para atividades complementares será efetuada após análise e aprovação do requerimento do interessado dirigido à Coordenação da Pós-Graduação do DESU e entregue à DIRA, acompanhado dos devidos comprovantes.

- É de responsabilidade do aluno acompanhar o calendário das disciplinas e gerenciar o número de horas complementares cumpridas. O aluno deverá protocolar as 20 horas em ficha única (APÊNDICE B), após o acúmulo da totalidade das 20 horas complementares.

- Serão aceitos certificados, declarações e comprovantes de participação em atividades e eventos acadêmico-científicos de instituições de ensino públicas ou privadas, desde que consonantes com os temas do **Quadro 2**.

- Os comprovantes de participação e/ou produção das atividades cumpridas pelos alunos deverão ser protocoladas pelo próprio aluno na DIRA, juntamente com a Ficha de Atividade Complementar (APÊNDICE B), no prazo máximo de até 4 (quatro) semanas após o encerramento da última disciplina, originais e as respectivas fotocópias, em que se devem encontrar: **nome da instituição proponente da atividade; carga horária total do evento; carga horária cumprida pelo aluno no evento; assinatura do coordenador ou responsável pelo evento; data e local de realização do evento.**

- **Não serão aceitos comprovantes com carga horária inferior a uma hora de participação.** Somente serão integralizadas 20 horas (vinte horas) complementares à carga horária total do curso de Pós-Graduação Lato Sensu LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos. As horas de atividades complementares excedentes às 20h necessárias não serão computadas e não podem substituir ou completar nenhuma disciplina obrigatória do curso.

- Somente serão validadas as horas de atividades complementares quando relacionadas às áreas definidas no **Quadro 2** que, por afinidade, se associam aos temas intrínsecos ao curso de Pós-Graduação Lato Sensu LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos.

### Quadro 1

<b>Atividades acadêmico-científicas aceitas para validação de horas complementares</b>	<b>Número mínimo de horas</b>
Apresentação de trabalhos em eventos científicos relativos às áreas afins do curso.	Mínimo de uma hora de participação
Participação e/ou organização de eventos científicos relativos às áreas afins do curso.	Mínimo de uma hora de participação
Participação e/ou organização de congressos, semanas acadêmicas, seminários, palestras, conferências, feiras, fóruns, oficinas/workshops e intercâmbio cultural.	Mínimo de uma hora de participação
Participação em atividades de grupos de pesquisa	Mínimo de uma hora de participação

### Quadro 2

<b>Áreas afins ao curso LÍNGUA PORTUGUESA: leitura e escrita no ensino de surdos</b>
Surdez e Educação
Bilinguismo
Educação inclusiva
Ensino de Língua Portuguesa como L2
Letramento
Tecnologia Assistiva
Tecnologias na Educação

Literatura infantil
Letramento Literário
Aquisição de Linguagem



## APÊNDICE C

### **Normas para elaboração do trabalho de conclusão de curso da Pós-Graduação em Língua Portuguesa: Leitura e Escrita no ensino de Surdos**

Como trabalho de conclusão de curso, há duas possibilidades de elaboração: o artigo acadêmico ou a unidade didática com plano de ensino. Este documento tem por finalidade detalhar as normas dessas duas modalidades.

#### **1) Artigo acadêmico**

Os artigos acadêmicos devem conter no mínimo 15 e no máximo 30 páginas, incluindo título, resumos, referências bibliográficas e anexos, quando for o caso.

##### a) Configuração das páginas:

Tamanho do papel: A4

Margens: superior e inferior (3 cm), direita e esquerda (2,5 cm)

Texto: corpo 12

Espaçamento entre linhas: 1,5

Citações (superiores a 3 linhas): recuo 4 cm, corpo 11

Resumo em português: texto em parágrafo único com recuo de 4 cm à esquerda e, de 3 cm, à direita; título em negrito, corpo 11.

Notas de rodapé: sem recuo, corpo 10

As notas de rodapé devem figurar necessariamente ao pé das páginas onde seus índices numéricos aparecem.

##### b) Estrutura do trabalho

Os textos devem obedecer à seguinte ordem:

- a) Título em negrito, corpo 12, centralizado, sem caixa alta;
- b) Nome do aluno, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita e em itálico, seguido do nome do orientador;
- c) Filiação científica (em nota de rodapé) do aluno e do orientador;
- d) Resumo em português (entre 100 e 250 palavras), duas linhas abaixo do nome do autor, sem adentramento e em espaçamento simples. É preciso conter objetivo, método, resultados, quando for o caso, e considerações finais;
- e) Palavras-chave (até cinco), uma linha abaixo do resumo, separadas por ponto e vírgula;
- f) Texto: duas linhas abaixo das palavras-chave começa o texto;
- h) Referências bibliográficas: deverá seguir os padrões da NBR 6023:2018 (ABNT).
  - Ordem alfabética, a partir do sobrenome do autor.
  - Espaçamento simples,
  - Alinhamento à margem esquerda.
  - Destaque do título negrito. Subtítulos não recebem destaque.
  - Letra maiúscula ou caixa alta para o sobrenome do autor ou autores.
  - Caso utilize diversas obras de um mesmo autor, siga a ordem alfabética do título.

Exemplos:

BOTELHO, P. **Segredos e silêncios na interpretação dos surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R. **A língua de Sinais Brasileira em funcionamento: reflexão sobre o uso da língua de Sinais Brasileira no discurso narrativo de criança surda**. Revista Intercâmbio, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, v. XI. p. 69-76, 2002.

PEREIRA, M. C. C. A constituição de sentidos na leitura e na escrita por alunos surdos. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara, SP: Junqueira & Marins, 2010, p. 325-332.

Critérios de avaliação: As perguntas abaixo serão utilizadas para avaliação dos artigos. O artigo será avaliado por um parecerista convidado e pelo orientador, que preencherão um formulário.

1. título consistente com o assunto abordado?
2. estrutura típica de um artigo acadêmico (Resumo, Introdução, Referencial Teórico, Procedimentos, Resultado, Referência...)?
3. fundamentação teórica condizente com o tema?
4. objetivo(s) claros da proposta?
5. procedimentos metodológicos ?
6. originalidade quanto ao tema?
7. contribuição para estudos sobre surdez?
8. obediência às normas estabelecidas pela ABNT?
9. elementos relacionados à língua (coesão, coerência, clareza, objetividade, linguagem acadêmica...)?

## **2) Unidade Didática (UD) e Plano de Atividades (PA)**

### a) A Unidade Didática

A UD deve ser constituída por um conjunto de atividades estruturadas para o ensino-aprendizagem de determinado conteúdo, contendo um objeto de aprendizagem (texto com informação verbal e/ou não verbal, jogo, vídeo, filme...), que deve estar registrado no Plano de Atividades. A UD e o PA deverão ser coerentes, mostrando a viabilidade de aplicação.

### b) Considera-se que o PA consiste no ponto de partida para a elaboração de uma UD, valendo-se de um gênero discursivo que seja suficiente e adequado para abordar os conteúdos propostos. A seguir, segue a descrição das partes do Plano de Atividades:

- Identificação e duração da atividade – o professor pode elaborar o plano e executar ou elaborar para outro professor aplicar. Por isso, a identificação (nome do professor) é importante. A duração da atividade consiste em uma previsão para o início - meio – fim do planejamento. Vale ressaltar que não se trata de um plano de aula, por isso, essa duração pode levar 1 aula, 1 bimestre, 1 semestre...
- Tema – o proponente do planejamento apresenta o(s) assunto(s) a ser(em) abordado(s).

- Gênero discursivo – gênero discursivo que servirá de base para a abordagem dos conteúdos previstos no planejamento.
- Público-alvo - indicação da série, idade ou nível escolar em que vai ser aplicado o conteúdo.
- Objetivo(s) - apresentação das competências ou atividades que o aluno deverá ser capaz de executar ao final do trabalho. Importante ter em mente que objetivo é iniciado por um verbo. Exemplo: ao final da Unidade Didática, o aluno deverá ser capaz de: Identificar....; Reconhecer...; Elaborar...; Compreender...; Produzir..
- Recurso(s) Didático(s) utilizado(s) – apresentação dos recursos materiais necessários para implementar as atividades. Exemplo: vídeo em Libras com legenda, livro impresso, cartazes com imagens, projetor de slides, quadro, figuras...
- Procedimentos utilizados – descrição das etapas de ensino, ou seja, os passos que o professor vai seguir para encaminhar a aplicação da atividade. Nessa fase de apresentação das etapas, o professor deve estar consciente da importância do desenvolvimento de tarefas com base na proposta sociointeracionista de ensino, além da concepção de ensino da língua baseado no seu uso e na sua prática e não exclusivamente na gramática tradicional.
- Referências bibliográficas

#### Critérios de avaliação:

São esperadas atividades que explorem as seguintes etapas, tendo como base a tabela 1 para verificar a qualidade de cada uma:

(1,5) Atinge bem o objetivo.	(1,0) Atinge o objetivo.	(0,5) Atinge parcialmente o objetivo.	(0,0) Não atinge o objetivo.
------------------------------	--------------------------	---------------------------------------	------------------------------

Tabela 1

- O conhecimento prévio dos alunos antes de ler o texto, a pré-leitura: perguntas e sondagem antes da leitura do texto principal;
  - Leitura: compreensão textual, buscando entender e explicar significados explícitos e implícitos, metáforas, informação verbal e não verbal... e questões léxico-gramaticais - uso da língua, registro formal/não formal/, emprego das palavras em diferentes contextos de uso, sintaxe...;
  - Gênero discursivo e suas características: meio e local de circulação, estrutura formal de apresentação e elementos linguísticos próprios do gênero.
  - Produção textual: após realização das etapas anteriores, o aluno está com informações suficientes para produzir textos em Libras e em LP escrita, então, ele poderá elaborar textos que demonstrem a consolidação da aprendizagem, se possível, a partir de modelos de apresentação da forma e do tema.
- c) A configuração de páginas deve obedecer às normas do artigo acadêmico (Item A), bem como sua extensão de páginas.
- d) Plano de atividades: segue estrutura básica que poderá ser alterada, segundo a proposta do trabalho, e a critério do orientador:

**PLANO DE ATIVIDADES (proposto por MORAIS & CRUZ, 2019)**

PROFESSOR(A)

DURAÇÃO DA AULA

1. Tema:

*Qual é o assunto abordado nesta unidade didática?*

2. Público-alvo:

*Qual é a série ou idade do(s) aluno(s) que farão a Unidade Didática?*

3. Objetivo(s): Ao final da aula, o aluno deverá ser capaz de:

1. *Identificar....*

2. *Reconhecer... EXEMPLOS*

3. *Elaborar...*

4. Recurso(s) Didático(s) utilizado(s):

*Que gênero textual será utilizado? Texto escrito ou texto sinalizado: história em quadrinhos, fábula, anúncio publicitário, filme...*

5. Metodologia/Procedimentos utilizada/os:

*O que o professor vai seguir para encaminhar a aplicação da Unidade Didática?*

*Como conduzirá essa Unidade Didática?*

*Que etapas vai percorrer?*

6. Atividade(s) proposta(s):

*Que atividades serão desenvolvidas? Pré leitura + leitura + atividades pós leitura*

*Questões/ Perguntas da Unidade Didática*

7. Avaliação:

*Como o aluno será avaliado após a realização da Unidade Didática?*

A avaliação do PA será feita com base na tabela a seguir:

(4,0) Segue muito bem a estrutura básica.	(3,0) Segue bem a estrutura básica.	(2,0) Segue pouco a estrutura básica.	(1,0) Segue bem pouco a estrutura básica.	(0,0) Não segue, de forma alguma, a estrutura básica.
---	-------------------------------------	---------------------------------------	---	---

(Tabela 2)

Ao final da avaliação, o candidato deve alcançar como nota mínima 7,0 para aprovação e obtenção do certificado de conclusão do curso e, posterior, diploma.

Prazo de entrega: **Seis meses a partir do último dia de aula.**